



OLHOS DE SERPENTE

SERPENT EYES

Flávia Regina MARQUETTI¹

RESUMO

O presente artigo é fruto de minha pesquisa de pós-doutoramento financiada pela FAPESP e aborda as relações existentes entre Pandora, herdeira das Grandes Deusas, e Eva, bem como as transformações ocorridas na figurativização do tema. A abordagem é feita com base, na antropologia, na helenística e na semiótica greimasiana.

PALAVRAS-CHAVE: Pandora, Eva, criação, Prometeu, paganismo, cristianismo.

ABSTRACT

The present article is a result of my post-doctorate research financed by FAPESP and it presents the existing relations between Pandora, Great Goddesses' heiress and Eve, as well as the transformations occurred in the theme figurativization. The approach is made by taking as a basis the Anthropology, the Hellenism and the Greimas Semiotics.

KEYWORDS: Pandora, Eve, creation, Prometheus, paganism, Christianity.

*Coloca-me,
Como um selo sobre o teu coração
Como um selo em teu braço.
Pois o amor é forte, é como a morte
...
Suas chamas são chamas de fogo
Uma faísca de Iahweh!
(Cântico, epílogo)*

Eva, a primeira mulher², é um selo, uma marca de desejo e pecado colocada sobre toda a face feminina ocidental e cristã. No trecho acima do *Cântico dos Cânticos* a referência é à esposa de Deus, Shekhina, uma versão “adaptada” da antiga Deusa. Eva, como Shekhina e outras figuras femininas da mitologia judaico-cristã recuperam as características eróticas das deusas pagãs, marcadas pela sexualidade, beleza e curiosidade, elas são, como Pandora, o flagelo, o castigo do homem. Enquanto Maria encarna um modelo idealizado do feminino e, portanto, a face benéfica da Deusa Mãe, Eva é a pecadora, é a face perigosa e ctônica da Deusa, com seus olhos de serpente e boca de maçã.

¹Pesquisadora do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) - UNICAMP – Campinas / SP. Pós- Doutoramento pela FAPESP junto à FCL/UNESP CAR. Departamento de Literatura. flaviarm@fclar.unesp.br

² Não trataremos aqui de Lilith, a suposta esposa anterior de Adão, pois os documento citados pelos estudiosos para comprovar sua existência são muito lacunosos e falhos. Em decorrência dessa falta de documentação, aceitaremos a versão bíblica da primeira mulher ser Eva.

O BELO MAL

Pandora, é uma criação divina, feita para agradar ao homem; dotada de todas as graças e de uma beleza semelhante às das deusas, ela vem à terra para seduzir Epimeteu, irmão de Prometeu³, e para ser uma vingança divina, ela é um castigo para os homens que, até então, não conheciam a mulher, o sexo, o trabalho/fadiga e a morte.

No mito de Pandora, apresentado por Hesíodo em *O Trabalho e os Dias*, sua vinda à terra marca o fim da idade de ouro e o fim de um conflito entre Zeus e Prometeu; conflito de acomodação entre a tentativa de organizar as narrativas míticas e o panteão olímpico com as crenças e mitos mais arcaicos. Dessa forma, o conflito estabelecido pela narrativa hesiódica só se explica a partir do embate entre a divindade nova, Zeus, e seu antecessor, o antigo consorte da Deusa Mãe, no caso, Prometeu⁴.

Prometeu é o fundador do primeiro sacrifício, mais especificamente, é ele quem reparte e distribui os pedaços da vítima sacrificial, aos deuses (os ossos e a gordura queimados pelo fogo) e aos homens (as partes que alimentam), e não o que a imola. É ele quem separa as partes e, conseqüentemente, os homens dos deuses, porque passam a se alimentar de coisas diversas e não mais se entendem com a mesma linguagem. Neste universo organizado, os mortais têm um estatuto diferente dos imortais, e é neste momento sacrificial que isso se fixa.

O mito sacrificial de Prometeu, segundo Vernant (1979,p.59), vem para justificar uma forma religiosa em que o homem se encontra entre os animais e os deuses, não se identificando nem com um nem com outros, mas, mais tarde, com o aparecimento de Pandora, ele, de fato, vai participar da natureza dos dois sem, no entanto, com eles se identificar.

Prometeu é um deus hitifálico, como os demais Titãs, sua virilidade particularmente acentuada, vem aliar-se ao epíteto *ankhylométis*, habilidoso na arte de tramar. Ele tem a *métis* (mente/inteligência) retorcida; aparência e epíteto que o aproxima de duas figuras bíblicas bem conhecidas: Satã e a serpente.

A separação entre mortais e imortais acontece com o primeiro sacrifício e se efetiva com a primeira mulher. Sacrifício e Pandora separam e unem a uma só vez. O primeiro separa imortais de mortais, apontando seus espaços próprios e a necessidade do rito sacrificial para se comunicarem, para se unirem. A primeira mulher, pelo sexo, separa homens e mulheres e é através dele que eles podem se unir. Antes da primeira mulher, os humanos brotavam e viviam “a recato dos males” (*Trabalhos*, v. 91), “longe de penas e misérias” (Ibidem, v.116 e seg.) e morriam como que “por sono tomados” (Ibidem, v.116); com ela surgem a sexualidade e a necessidade de reprodução sexuada para garantir a perpetuação da espécie e todas as novas especificidades do modo de ser humano. Pandora é ligada à idéia do alimento que vem da terra e à instituição do casamento; ela é agora uma *gyné gameté*, uma mulher-esposa com quem deve se ligar o homem. A essas fronteiras do que é propriamente humano se juntam outros limites, como a necessidade do trabalho para sobreviver. Temos, então, três elementos que separam os mortais dos imortais: o sacrifício, a agricultura-alimento e a sexualidade-casamento.

Pandora, enquanto dom divino, vem em adição a uma situação paradisíaca que ela extingue, mas não substitui. Com o roubo do fogo divino, Prometeu oferece aos homens o fogo “técnico”; passa-se, assim, do fogo “natural” (vindo de Zeus, o raio) ao fogo “cultural”. Pandora também está do lado da cultura; ela é produzida, feita, e não aparece como os *ánthropoi* (seres humanos), que antes, apenas surgiam da terra. Seu surgimento, ligado a Prometeu, transforma os homens de *ánthropoi* em *ándres*, (homens)⁵.

³ Na versão da criação de Pandora, Prometeu é o deus criador dos homens e seu protetor. Tentando igualá-los aos deuses, Prometeu rouba o fogo celeste (metáfora do conhecimento) e dá a seus “filhos”. Zeus, furioso, acorrenta Prometeu e envia um flagelo ao mundo dos homens, Pandora.

⁴ Vale lembrar que dentre todos os deuses arcaicos, Pã é o que melhor representa o consorte da Deusa Mãe, mas como Prometeu, seu culto e sua imagem são relegados a uma posição periférica com a chegada dos Olímpicos.

⁵ O mito de Pandora relatado por Hesíodo marca já a supremacia masculina no panteão grego, como as demais deusas do período, Pandora apresenta ligações fortes com a antiga Deusa Mãe, como demonstra sua ligação com os cereais e o casamento. Pode-se, ainda, visualizar na união desse feminino primeiro à uma força masculina original, um Titã, resquícios do culto da Deusa Mãe. Prometeu, como Titã, carrega uma série de peculiaridades

No verso 56 dos *Trabalhos*, Zeus indica a explicação de sua última cartada, que atingirá Prometeu e toda a humanidade. Se Prometeu ousou roubar o fogo do Cronida, justamente o golpe que ele recebe é o *anti-pyros* (literalmente, é o fogo contrário, isto é, a contrapartida do fogo), que tem portanto, estatuto semelhante ao fogo e ao mesmo tempo opõem-se a ele. Esse mal, “compartilhado-do-fogo”, aparece para resgatar o fogo roubado de Zeus; é a demonstração de sua cólera. Ele vem em lugar do fogo natural; ele inicia o processo de passagem da natureza para a cultura. Pandora já aqui é marcada pela ambigüidade, é um *kalón kakón* (belo mal), que vem em lugar do fogo, também ambíguo, pois é ao mesmo tempo um bem e a causa das desgraças para os homens. O “belo mal” é ambíguo pois seduz, atrai afetos e traz todos os males para a humanidade. Talvez o maior mal trazido por Pandora seja o surgimento de sua própria ambigüidade, e, com a presença da ambigüidade, a possibilidade da escolha, ou melhor dizendo, a necessidade da escolha. Como Eva, Pandora exige de seu companheiro uma ação, que este saia da passividade paradisíaca em que se encontra; não é a toa que o nome de Epimeteu significa “aquele que compreende os fatos depois de terem eles acontecidos”, como Adão, Epimeteu só se dá conta das conseqüências de sua escolha depois de tê-la feito, ou seja, de ter aceito o que lhe era ofertado.

Zeus convoca, para a feitura de Pandora, Hefesto, Atena, Afrodite e Hermes. Para realizar a obra encomendada por Zeus, Hefesto mistura terra e água e, nesta mistura, o primeiro elemento posto, (*Trabalhos*, v.61), é a *audén*, (linguagem humana em potência); confirmando este ato a instituição de uma nova forma de comunicação que até então não existia, já que era desnecessária⁶. Trata-se da linguagem dos *ándres*, e não mais dos *ánthropoi*, até então suficiente e eficaz no entendimento com os deuses. Em seguida, é colocada a força, o vigor físico do homem. São esses os primeiros atributos da massa informe: a linguagem e a força humana. A seguir, começa a se configurar sua aparência: deve assemelhar-se de rosto às deusas imortais e de corpo a uma bela forma virgem. Aqui se indica o processo de imitação.

A mulher é um paradoxo, pois consiste numa imitação do que já existe; ela não é totalmente nova, entretanto, ela é a primeira de sua espécie. Ela está do lado da *techné* (produto das artes), enquanto o homem está ao lado da *phýsis* (v.108). A maneira como ela é feita lembra o moldar de um vaso, ela é praticamente descrita como um vaso adornado onde os deuses depositam seus atributos; o jarro que carrega é uma metáfora dela mesma; jarro (*pithos*) sempre dentro de casa e que serve para armazenar o grão colhido que servirá de alimento. De qualquer modo, esta forma nova de nascimento também introduz uma distinção entre o que já existia originalmente – deuses e homens – e o que vem depois, mas que não é mais original, e sim cópia. Pandora surge quando desaparece o “paraíso” original e tenta, sob o aspecto de beleza sedutora, imitar essa felicidade agora ausente (HESÍODO, 1991, p.68).

No verso 64, Atena é convocada para ensinar-lhe os trabalhos e o complexo ofício de tecer; Pandora é produto das habilidades dos deuses e também os imita na medida em que aprende suas artes⁷. À Afrodite cabe a tarefa de rodeá-la de graça, de penoso desejo e de preocupações devoradoras de membros; curiosamente são esses os atributos da deusa que se sobressaem aos demais. Aqui se localiza a origem da oposição “eu” e “outro” para a raça humana; a evocação do penoso desejo, o território comum que separa o “eu” e o “outro”, sugerido (v.73-75) pela imagem de Pandora paramentada como noiva, indicando, assim, que penoso desejo e casamento são intercambiáveis.

É nesse mito que a questão do “outro”, do “diferente”, se localiza na obra hesiódica, e é na figura da primeira mulher que o poeta situa a origem dos males humanos. O “diferente” não

que o distingue dos homens e também dos deuses. Os Titãs nascem da terra e do fogo do sol, dada sua natureza seca e ígnea, eles estão sempre distantes da deterioração, do envelhecimento e da morte; eles são apresentados como filhos do Céu e da terra. Prometeu é o arquétipo do consorte da Deusa Mãe, enquanto Pandora uma de suas faces – é a partir deles que o homem nasce.

⁶ Vê-se no relato hesiódico que Pandora, como Eva, altera a linguagem e isso se dá como conseqüência da divisão dos sexos. No *Gênesis* também encontraremos uma alusão à uma linguagem de Adão antes de Eva e uma outra usada por ela.

⁷ O tecer enquanto sinônimo do gerar já foi bastante discutido, aqui, a dessemantização do ato de fiar já é notada. Pandora aprende a “gerar” com a deusa Atena, assim como Perséfone e outras jovens.

é um mal, mas o que traz os males. Pandora não é um mal em si, ou melhor, não é só um mal, mas é de onde surgem todos os males para os homens. É importante lembrar, entretanto, que como pano de fundo para esse mito está a diferença realmente radical, aquela que é dada pela Morte: uns são mortais, outros, imortais; uns são deuses, outros, homens.

Ainda sobre a questão da morte, segundo Panofsky (1978,p.109), Pandora, como Atena, é uma *parthénos* (virgem), o que no universo do mito constitui a figura de um ser ambíguo, pois cristaliza, nela mesma, exatamente o interdito terrível do que é feminino no próprio feminino. A *parthénos* pactua sempre com a morte, uma vez que traz em si a condição mortal (ela é o limiar entre a vida e a morte, a criação e a esterilidade) e o tormento da sexualidade não realizada. Tanto na *Teogonia* quanto nos *Trabalhos e os Dias*, a mulher carrega consigo mais poderes de destruição do que princípio da fecundidade. A figura feminina traz a polaridade *Eros* e *Thánatos* quase que por processo mimético, derivada de sua formação junto aos poderes de Afrodite e também de Atena (Ibidem, p.71).

Hermes contribui com a obra divina colocando-lhe no peito a conduta dissimulada de um ladrão e também o espírito de cão, que indica sua capacidade de absorver, com seu ardor alimentar, toda a energia do macho. Pandora participa, assim, da natureza divina pela sua aparência, da natureza humana pela força e pela fala, e da natureza animal pela mente de cão.

Cingida como as noivas por Atena e embelezada por Afrodite, Pandora aparece paramentada como para festejar a colorida primavera, pronta para seu próprio casamento. Pandora adornada com os signos da mudança da estação marca o início de um novo ciclo para a humanidade. A *Cháris* (Graça) que Afrodite confere à primeira mulher introduz uma novidade no mundo dos homens, uma vez que antes dela inexístiam o prazer sexual da mulher e o próprio prazer sexual, pois, a própria palavra *sexo*, que vem do verbo *seco*, significa separar, daí a idéia de *sexo* como separação que supõe duas partes e a cada qual seu prazer (Ibidem,p.71-3).

Hermes, cumprindo a vontade de Zeus, confere ainda a Pandora as mentiras e as sedutoras palavras. A *audén*, linguagem humana em potência, passa a ser linguagem realizada, *phonén*, vista como um acréscimo, um artifício a mais neste dom de Hermes, agora ela é um elemento no exercício da sedução. Na personagem de Pandora vêem se inscrever todas as tensões, todas as ambivalências que marcam o estatuto do homem, entre animais e deuses.

O nome Pandora possui quatro etimologias possíveis: “a que recebeu todos os dons”, alusão à sua criação; ou ainda: “a que dá tudo”; “a que recebe tudo” e “a que tira tudo”. Essas outras possibilidades ligam-se à associação de Pandora ao *pithos*⁸. Pois, repetindo o ato de Zeus, no veros 49, e assumindo para si o ato de punir, Pandora “trama para os homens tristes pesares”, abrindo a tampa do jarro e dispersando todos os males que até então inexístiam para os *ánthropoi*.

O verbo tramar pode ser traduzido aqui como engendrar, marcando a dupla função de Pandora, a que engana e a que gera, pois o *pithos* que Pandora traz consigo para a terra é um símile de seu próprio ventre, como a maçã, símile do útero e do seio maternal da Deusa Mãe. Os vasos, jarras ou semelhantes, devido ao formato cilíndrico e/ou arredondado e à presença de uma boca, garganta e bojo (ventre) assumem na representação mítica uma correlação com a mulher e a serpente. Nas culturas agrárias, a mulher é a responsável pelo feitio da cerâmica⁹, pela sementeira nos campos e pela tecelagem. Ato que no imaginário primitivo ligam-se à criação e surgimento da vida. Entre os gregos e os romanos, a mulher/útero é associada à gleba

⁸ O jarro/*pithos* que acompanha Pandora à terra foi substituído ao longo dos séculos por uma caixa ou cofre.

⁹ Segundo Sílvia de Carvalho (1982,p.30-1), a mulher, a cerâmica e a água estão intimamente ligadas. Só a mulher pode fazer as vasilhas de argila para transportar a água, do mesmo modo como ela transporta a vida dentro de si. Essa ligação é comum em quase todas as culturas – as virgens mortas dão lugar a fontes – como mostra a lenda escandinava filmada por Bergman; assim como a vítima sacrificial Ínca é a responsável pela construção dos aquedutos. A jovem virgem desposa o jaguar/sol e é morta onde o aqueduto se inicia, por sobre seu túmulo correrá a água e ela será a “deusa” doadora da água e da vida para a comunidade. Igualmente, no mito das Danaides, Amimone é a responsável pelo ressurgimento das águas, passando a designar na Argólida duas nascentes. Amimone recupera as águas ao desposar Posidão (DETIENNE,1991,p.40-1).

e o trabalho agrícola ao ato sexual, no qual o homem planta a sua semente (Eliade,1981,p.256-70).

Deriva, assim, o simbolismo erótico do vaso com o sexo feminino, bem como com o fúnebre. Em Creta, no Minóico médio, os mortos eram enfaixados em posição fetal e colocados num grande *pithos*, do tipo usado para armazenar alimentos (HOOD,1993,p.171). O vaso como a terra, a mulher e a serpente conjuga e une os dois extremos: a vida e a morte, o alto e o baixo; é o elo entre o sagrado e os homens. Decorrente dessa interposição, é que em Creta a deusa apresenta um parentesco simbólico/figural com a árvore, o pilar, ou coluna. “Em Cnossos ela é representada na forma de ídolos cilíndricos e tubulares” (PICARD,1948, p.76).

O vaso, como as frutas: maçã, romã, marmelo e, principalmente, as providas de casca seca, como a avelã, a noz, a amêndoa e outras, insere-se no rol figurativo de “*continente*” – isotopia do /terrestre/, confirmada pelo tema da /fecundidade/ - invólucro que guarda a semente, promessa de vida, eles justificam sua ligação com a figura feminina. Igualmente, o *pithos* ou cofre de Pandora se insere nesse contexto de justaposição de várias figuras de “*continente*”, posição temático-narrativa que corresponde a uma só e mesma combinação de percursos figurativos, pressupondo a recorrência de uma mesma categoria sêmica subjacente, ou seja, o conjunto formado por: /terrestre/+/segredo/+/fecundidade/+/morte/. Tanto no percurso figurativo das frutas como no de Pandora (*pithos*/serpente) é observada a alternância entre <remeter>/<receber>, <fechar>/<abrir> e <inserir>/<sair>. O conteúdo desses receptáculos apresentam uma proto-figuratividade única: /dom escondido/, que embora possa variar de acordo com o contexto, é em essência o germe/semente da vida. É assim que Pandora é início da vida, de uma nova geração humana, e também a responsável por todos os males. Sedutora, de belo aspecto, Pandora é, no entanto, o *grande mal*.

Pandora reúne vários traços que se verificarão em Eva, seu nascimento diverso do apresentado por seu companheiro; sua ligação com o sexo e a morte; sua “curiosidade”, que leva os males ao mundo; o uso da palavra enquanto forma de sedução/engano; e o fato de ser ela uma das herdeiras da Deusa Mãe no panteão patriarcal, ao ser definida como a que tudo dá ou tudo tira, Pandora assemelha-se à Deusa em suas funções de criadora, uma vez que os homens são seus filhos, e de ceifadora da vida, já que a morte surge com ela.

EVA OU A NOVA PANDORA

No *Gênesis* a criação do homem e da mulher é bastante sucinta, Deus, após criar o mundo, no sexto dia, criou o homem:

Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra.

Deus criou o homem à sua imagem,
à imagem de Deus ele o criou,
homem e mulher ele os criou.

Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos¹⁰, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; [...]. Deus disse: “ Eu vos dou todas as ervas [...]. Deus viu tudo o que tinha feito; e era muito bom: Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia.

.....
No tempo em que Iahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque Iahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente. (Gênesis, 2)

¹⁰ O plural usado por Deus ao referir-se ao primeiro homem, suscitou a interpretação de que junto ao primeiro homem teria sido criada a primeira mulher, da terra como ele, e esta se chamaria Lilith. Mas, infelizmente, só esse plural é, dos dados apresentados como prova, corroborado pelos textos localizados. Como os *ánthropoi*, o primeiro homem é macho e fêmea, sem distinção.

Deus modela o corpo do homem usando a argila do solo, elemento feminino ligado à Terra Mãe, ao passo que o espírito é parte do hálito divino, marcando a visão dualista cristã que divide os seres humanos entre a carne e o espírito, não como um todo – como ocorria nas religiões pagãs.

Após modelar o homem, Deus o coloca no paraíso, cria todos os seres e os faz desfilar diante do homem para que os nomeie. Em oposição à fala de Eva, Adão não se exprime por palavras, até então, desnecessárias para a comunicação entre os seres e entre ele e Deus.

A princípio, Deus pretendia tirar de dentre os seres criados uma auxiliar para o homem, mas o homem não encontrou a que lhe correspondesse, assim, nasce a mulher, desejo masculino, presente de Deus:

Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] Então Iahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Iahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem.

Então o homem exclamou:

“Esta, sim, é osso de meus ossos
e carne de minha carne!

Ela será chamada mulher,

Porque foi tirada do homem!” (Gênesis, 2)

Como ocorreu com Pandora, Eva é modelada por um deus, mas ao contrário da primeira mulher grega, nada é dito sobre sua aparência, seus dotes ou qualidades. Enquanto o homem é a imagem e semelhança de Deus, a mulher é apenas mulher, osso e carne do homem, mas não o igual – ela é o “outro”, o diferente. Eva é só barro, pois não há menção de Deus ter-lhe conferido o sopro divino, a ausência dessa referência fez com que na Idade Média a mulher fosse considerada um ser sem alma, sem o espírito.

Repetindo-se na criação do homem, o que já se verificou anteriormente em relação à criação do mundo, e compartilhando com o primeiro homem essa prerrogativa, Deus faz nascer do macho a fêmea, o masculino é transformado em mãe, origem, matéria da mulher, invertendo o motivo que caracterizava o feminino até então. O homem “gera” sua companheira com a intervenção divina.

Na seqüência, o relato da criação apresenta a serpente que, tal qual Prometeu, era o “mais astuto de todos os animais dos campos que Deus tinha feito”. A mente tortuosa de Prometeu ganha um contorno sinuoso junto da serpente¹¹, a astúcia e o desejo de enganar Deus/Zeus e favorecer o homem é comum a ambos. O conhecimento, vindo do fruto da árvore proibida, corresponde ao fogo dado aos homens por Prometeu, motivo do afastamento de homens e deuses e, conseqüente, fim da idade de ouro para os homens, ou a perda do paraíso. Nos textos bíblicos e, sobretudo, nos posteriores, dos bispos da Igreja, a mulher/Eva será comparada a uma “*chama voraz*”, como o faz Hildeberto de Lavardin (Duby, 1990, p.39); seu ventre a uma fornalha incansável, como no livro/poema *Da mulher má*, do Bispo de Rennes, nele a mulher é *femina*, Eva a inominável, raiz do mal, fruto de todos os vícios. Do termo *femina* resvala-se para o uso de *meretrix*, a prostituta: “*Uma cabeça de leão, uma cauda de dragão e no meio nada mais do que um fogo fervente*”. Após essa (deliciosa) descrição, o bispo lança seu último aviso: “eles [os clérigos e homens] que não se exponham a essa fornalha” (Ibidem, p.38). O ventre/sexo feminino é uma chama, como a que Prometeu/Zeus deu aos homens.

A serpente/Prometeu seduz a primeira mulher e oferece ao homem o conhecimento e uma nova forma de vida, a que vem do prazer, do sexo, e que traz a morte e a alteridade.

¹¹ A sinuosidade é aqui jogo semântico, pois a serpente só se tornará um réptil após sua punição, antes disso ela era uma das criaturas divinas, sem um contorno definido pelo texto bíblico, tal qual a primeira mulher. Gênesis, 3.

...[A serpente] disse à mulher: “Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?” A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte.” A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis!” Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram.

Eles ouviram o passo de Iahweh Deus que passeava no jardim à brisa do dia e o homem e sua mulher se esconderam da presença de Iahweh Deus, entre as árvores do jardim. Iahweh Deus chamou o homem: “Onde estás?” disse ele. “Ouvi teu passo no jardim” respondeu o homem; “tive medo porque estou nu, e me escondi.” Ele retomou: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!” O homem respondeu: “A mulher que puseste junto de mim me deu da árvore, e eu comi!” Iahweh Deus disse à mulher: “Que fizeste?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi”.

Então Iahweh Deus disse à serpente:

“Porque fizeste isso
és maldita entre todos os animais domésticos
e todas as feras selvagens.

Caminharás sobre teu ventre
e comerás poeira
todos os dias de tua vida.

Porei hostilidade entre ti e a mulher,
entre tua linhagem e a linhagem dela.

Ela te esmagará a cabeça
e tu lhe ferirás o calcanhar.

À mulher ele disse:

“Multiplicarei as dores de tuas gravidezes,
na dor darás às luz filhos.

Teu desejo te impelirá ao teu marido
e ele te dominará.”

Ao homem, ele disse:

“porque escutaste a voz de tua mulher
e comeste da árvore que eu te proibira comer,
maldito é o solo por causa de ti!

Com sofrimentos dele te nutrirás
todos os dias de tua vida.

Ele produzirá para ti espinhos e cardos,
e comerás a erva dos campos.

Com o suor de teu rosto
comerás teu pão
até que retornes ao solo,
pois dele foste tirado.

Pois tu és pó
e ao pó tornarás.”

O homem chamou sua mulher “Eva”, por ser a mãe de todos os viventes. Iahweh Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu. Depois disse Iahweh Deus: “Se o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal, que agora ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!” E Iahweh Deus o expulsou do jardim de Éden para cultivar o solo de onde fora tirado... (Gênesis, 3)

O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: “Adquiri um homem com a ajuda de Iahweh”... (Gênesis, 4)

Os amores da mulher e da serpente foram bastante desenvolvidos pela mitologia pagã: como no jardim das virgens Hespérides, consagradas pelo nascimento do Dioniso órfico, e renovado pela lenda de Alexandre. No *Gênesis*, a maçã serve de elo entre dois parceiros, introduzindo na relação mulher-serpente dois temas fundamentais: de um lado aquele da árvore que produz o fruto (Eva); de outro, aquele da consumação, ou seja, o da boca, e mesmo o da mordida, associada à boca de Eva como àquela da serpente. Eva é ao mesmo tempo a árvore (imagem da Deusa Mãe); o fruto a ser colhido¹², a virgem seduzida (unida) à serpente, nova hierogamia da deusa com o falo; e um símile da própria serpente uma vez que a serpente é um ser ambíguo que compartilha os valores positivos e negativos, presentes na bipolaridade macho-fêmea. Apresentando um lado feminino e outro masculino conjugados na mesma forma.

O lado feminino da serpente está correlacionado à espiral – forma circular, aberta, cujo movimento é contínuo e repetido, é extensão, emanação, desenvolvimento, continuidade cíclica mas em progresso, rotação criacional; ligando-se ao simbolismo erótico da vulva, da concha, da fertilidade e da lua, pois representa os ritmos repetidos da vida, o caráter cíclico da evolução¹³.

A presença de dois orifícios simétricos em seu corpo: boca e sexo, tornam-na um equivalente da mulher. Ela é um símbolo uterino, matriz da qual surge o ovo – semente de nova vida.

A deusa serpente de Ur é um belíssimo exemplo dos valores femininos atribuídos às serpentes, e que poderia representar Eva. Com 150mm de altura, em terracota, Tiamat “oferece uma imagem ancestral da mãe sagrada com seu filho ao peito; nua, salvo pelo *cinturão mágico* de triângulos, que ressalta e embeleza o delta fértil; ela possui cabelos presos, ombros largos e um sorridente sorriso de réptil” (GETTY, 1996, p.32). Segundo Getty, o triângulo representa o tríplice aspecto da Grande Deusa babilônica: como virgem, mãe e velha e, na tradição tântrica, é o símbolo primordial da vida¹⁴. A serpente está associada à imortalidade e, portanto, a reafirmação da vida, porque possui o dom de desprender-se todos os anos de sua pele e renascer renovada, enquanto a mulher desprende-se de sua pele interna uma vez por mês.

As representações medievais da serpente com rosto feminino são herdeiras de Tiamat e da ligação ancestral da serpente com o feminino, sobretudo, da Deusa Mãe e sua espiral. A literatura médica do século XII apresenta muitas afirmações que reforçam esse “medo da mulher”. “Ela é descrita como fria e úmida (características comuns à serpente), sua matriz (útero/vulva) experimenta um prazer semelhante ao das serpentes que, na sua busca de calor, penetram no interior da boca dos que dormem”. [Aqui o útero, recipiente, é contaminado pela ambivalência da serpente, sendo capaz de penetrar o homem, como um súcubo, quando a realidade é o oposto.] A capacidade sexual da mulher é sempre particularmente inquietante” (DUBY, 1990, p.88). Em uma descrição anatômica da segunda metade do século XII, encontra-se o seguinte acréscimo: “a vulva é assim denominada devido ao verbo *volvere*, que significa *rolar alguma coisa, formar enrolando*” (Ibidem, p. 74-5). Essa associação da mulher à serpente e vice-versa, faz com que se acreditasse que a mulher fosse habituada ao veneno e, portanto, imune a ele. O contato com o feminino equivalia ao contato com a serpente e seu veneno, passível de morte. A analogia com as formas recurvadas e sinuosas da serpente encontram-se também na descrição do olhar de Afrodite, Hino Homérico a Afrodite I, como uma das grandes herdeiras da Deusa Mãe, ela traz a serpente no olhar.

¹² Há uma correlação entre o comer do fruto e o ato sexual, bem como da imagem da fruta que rompe sua casca com a da perda da virgindade, cf. Marquetti, 2000, cap.I.

¹³ Entre os Bantos, as espirais simbolizam o poder criador, a procriação. O umbigo é considerado como ligação do corpo onde estão presas as duas serpentes que vivem no interior da mulher e “moldam” a criança. O umbigo simboliza, assim, as circunvoluções das origens e é frequentemente representado com formato convexo ou por uma dupla espiral – símbolo dos primeiros movimentos da criação. Dessa forma, se diz de uma mocinha que já atingiu o estágio do período procriativo (ficou menstruada), que “sua serpente acordou, começou a se desenrolar” (ROUMEGUÈRE-EBERHARDT, 1992, p.21).

¹⁴ Os triângulos do cinturão mágico de Tiamat inscrevem-se uns sobre os outros, numa progressão ascendente, fazendo lembrar a espiral e sua evolução – a renovação da vida que passa de mãe à filha, sem alterar seu ritmo. Além de referendar a forma triangular ligada ao sexo/cinto visto para as Vênus Paleolíticas e Neolíticas (MARQUETTI, 2000, cap.II).

Em contrapartida, o lado masculino da serpente está em sua forma cilíndrica, terminada por extremidades “pontiagudas” ou “afuniladas”, corresponde à forma do chifre, da flecha, do falo e do raio. O valor macho/fecundante da serpente a associa também às chuvas e ao raio, reflexo prateado, de língua recortada que traz a chuva benéfica. Ligada ao masculino, a serpente se alia ao touro e a seus chifres, a figuratividade de base sêmica comum encontra ecos nos mitos dos deuses taurimórficos.

Astuta como Prometeu e ambígua como Pandora/Eva, a serpente compartilha da mesma dualidade de Deus, ele também macho e fêmea. Se no mito hesiódico a mulher põe fim a uma disputa entre Zeus e Prometeu, estabelecendo um novo ciclo de vida para o homem; no mito judaico-cristão, ela é o início dessa disputa. Criada por Deus, como presente a Adão, a mulher é seduzida/usada pela serpente/Satã para atingir Deus e sua criação. Como punição a esta afronta, a serpente transforma-se em réptil, guardando semelhanças com aquela que seduziu, a mulher, e com o masculino; mas, sua maior punição é a hostilidade criada por Deus entre ela e a mulher. Há nessa passagem uma tentativa flagrante de afastar, por meio do mito da queda, as mulheres do antigo símbolo da Deusa Mãe e de seu culto, ainda praticado entre os novos cristão.

A mulher, como a serpente, é o elo entre as antigas crenças e a nova religião, portanto, deve ter seu poder reduzido ao máximo. Se em Hesíodo ela já era um belo mal, no cristianismo ela é a porta por onde o Grande Mal, Satã, entra no mundo¹⁵. Enquanto a etimologia do nome Adão o liga ao barro do qual foi criado, *adam, adamah*, solo, um nome coletivo; Eva teria, na etimologia popular, o significado de “viver”, ela é “*vita*”, a vida, a *mãe de todos*, como a antiga Deusa. Mas, já na Alta Idade Média, ela é “*Vae*”, a desgraça, que terá sua contrapartida em outro anagrama: *Ave*, usado para saldar Maria e que indica ser esta uma nova Eva, a que redime os pecados da primeira. Essa idéia frutificou, como mostra São Jerônimo “morte por Eva, vida por Maria”; ou Santo Agostinho “pela mulher a morte, pela mulher a vida” (DUBY,1990, p.39)

Eva, como Pandora, é a responsável pelo surgimento do sexo e pelo desdobramento do homem primitivo em masculino e feminino. Se não é possível afirmar que na origem existisse uma mulher feita do barro, tal qual Adão, uma Lilith, o texto bíblico permite ver, no plural empregado para referir-se ao primeiro homem, uma aproximação deste com os *ánthropoi* gregos, nos quais a distinção macho/fêmea não se manifestava, embora ocorresse a multiplicação/nascimento de novos homens. Como na idade de ouro, o primeiro homem podia se multiplicar, mas não conhecia o sexo, esse só irá ocorrer depois da expulsão do paraíso: “O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim” (Gênesis,3).

É instigante notar que o pecado original, o provar do fruto do conhecimento, é, ao mesmo tempo, a descoberta do sexo, enquanto desejo erótico, portanto cultural, marcando uma distinção de períodos/ciclos, como em Hesíodo; e também o reconhecimento da alteridade “eu”/“outro”, do assumir uma condição de sujeito de sua própria história, ou seja, o homem passa a ter que fazer escolhas, agir, sair da inércia primordial, a assumir seu estatuto de ser cindido e desejante, portanto mortal/humano.

Eva e a serpente-prometéica são os motores ativos dessa mudança, Adão, embora presente na cena da sedução de Eva pela serpente, nada diz, não impede sua ação, ao contrário, deixa-se levar por elas. Adão é um não ser, aquele que é conduzido, enquanto Eva/serpente, face da Deusa, é a que conduz.

Ao comer do fruto do conhecimento, Adão e Eva tomam ciência de que estão nus. A descoberta da nudez é um ponto importante, pois permite descortinar o caminho que levou a Igreja a associar o “pecado da curiosidade”, o “desejo pelo conhecimento” com o sexo enquanto luxúria, concupiscência. A nudez de Adão é secundária, a de Eva é perigosa.

¹⁵ A árvore anexada por Satã proclama, de forma negativa, a necessidade de destronar a Deusa Mãe (Eva), reduzida, assim, à pecadora. Essa hipótese pode ser confirmada pela maldição de Caim, que oferece ao Senhor os “frutos da terra”, e faz desse construtor de cidades o assassino de Abel. A recusa dos frutos da terra é uma recusa ao legado da Deusa Mãe, de suas primícias, das quais Caim é o representante, o portador (TRIOMPHE,1999,p.66).

Dos motivos apontados para a queda, três são atribuídos à presença feminina, a ocasião do pecado é sempre de um único tipo, aquele que apela para a debilidade da carne. Eva é a “porta da vida”, mas também a “porta que se abre sobre a queda, a porta do pecado” (DUBY,1990,p.35). Já foi mencionada a paridade existente, desde a pré-história, entre a boca e o sexo feminino - a serpente leva Eva a comer do fruto, desperta seu desejo com algo que é apetitoso; o texto bíblico é bem explícito: “A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento” (Gênesis, 2). Portanto, a serpente desperta o desejo de comer/copular em Eva, o desejo de experimentar algo até então desconhecido por ela e pelo homem, uma sexualidade diversa da procriativa. Uma vez desperta para o desejo, Eva perde Adão¹⁶, fazendo-o provar do fruto proibido – do sexo erotizado, que busca o prazer e não o sexo enquanto simples forma reprodutiva. A tentação mais perigosa é, obviamente, o corpo feminino nu, pois, como nas representações da Deusa paleolítica, a magia maior está concentrada nele mesmo, nos seus seios/ventre/sexo – fruto e origem de vida/prazer, mas também da morte/gozo¹⁷. No final do século XI, segundo conta Duby (1990,p.480), ao retratar *A batalha dos vícios e das virtudes*, de Ambrósio Autperto, “...a luxúria é representada por uma mulher, provocação permanente ao pecado. Enquanto que em geral, para representar os vícios, há necessidade de um atributo que os caracterize, para a Luxúria basta o corpo da mulher [nu], que já é em si mesmo uma alegoria”.

Além da perda do paraíso, Eva traz consigo as dores e a morte, mas uma morte diversa da morte ritual experimentada junto à Deusa e ao “sexo pagão”, precursora da regeneração no tempo cíclico regido pela Natureza, Terra-Mãe; com o cristianismo o tempo tornou-se linear e a morte um fim terrível. Além disso, Eva estabelece uma nova ligação entre homens, animais e Deus. Se antes da queda, o homem, como os *ánthropoi*, não se ligava nem a uma esfera nem à outra, depois dela, ele compartilha de ambas. Sua vestimenta de peles, feita por Deus, marca a parte animal desse ser que traz, ainda, dentro de si, o sopro divino.

Ao relacionar a mulher com o natural/carnal e o homem/Deus com o espiritual, reduziu-se a função da mulher à procriação, mas criou-se um temor. Temor à essa força inquietante, esse corpo que escapa ao domínio do espírito, um ser governado pelos órgãos e, em particular, pelos sexuais, a mulher é inteiramente um ser natural, o elemento essencial da Natureza – força ativa que estabeleceu e mantém a ordem do universo, nela se conjugam dois grandes verbos: viver e morrer.

UMA MAÇÃ É UMA MAÇÃ!

É interessante notar como a maçã se transforma em fruto do pecado, pois no Gênesis não há menção de qual é o fruto colhido por Eva. A maçã surge junto da serpente e de Eva, em infinitas representações, devido à sua ligação com as deusas pagãs, com Afrodite e, claro, por sua equivalência com o sexo/útero. A maçã nas mãos de Eva é uma metonímia de seu sexo e do pecado, como era o *pithos* de Pandora.

Segundo Eliade (1981,p.281), um desenho arcaico de Susa já trazia representada uma serpente que se ergue verticalmente para comer de uma árvore – correspondendo a um protótipo babilônico do episódio bíblico. A árvore nessas culturas, era a moradia da deusa, árvore cósmica, o centro do universo, podendo ser o corpo da própria deusa, como ocorre com Asherah, a mais antiga das deusas cananéias, aludida numa inscrição suméria de 1750 a.C.. Asherah, nas escrituras dos hebreus, tem seu nome traduzido por *bosque* e, de um modo geral, era representada pela Árvore da Vida, assim como Astarté, que era referida como Rainha do Céu e cujo nome significava originalmente *ventre*, sugestão mais do que evidente de ser ela

¹⁶ A sedução de Adão se dá não só pelo corpo de Eva, mas por sua voz, o texto é explícito, “porque escutaste a voz de tua mulher...”, tal qual Pandora, Eva tem uma linguagem sedutora, enganadora.

¹⁷ A psicanálise tem insistido sobre o sentido sexual e edipiano do consumir o fruto. Pois o fruto, em decorrência de sua vegetabilidade e sua ligação com a terra é um símbolo maternal. Eva, corresponde ao fruto ele mesmo e, ao mesmo tempo, sua consumidora, mãe do gênero humano e arquétipo da Mãe primordial, não pode propor a Adão outra coisa que não um incesto, ditado pelo ódio do Pai divino e castrador (TRIOMPHE,1999,p.67)

uma deusa da fertilidade (HUSAIN,2001,p.39). Portanto, a ligação da Deusa Mãe com a árvore e com a maçã, enquanto fruto/sexo, fez, naturalmente, da macieira a imagem da árvore do fruto proibido.

A maçã e a macieira são ainda bastante citados no *Cântico dos Cânticos*. Uma primeira vez (7:10), é o hálito da bem amada que se identifica ao perfume dos pomos, essa ligação do hálito e do perfume, doce e penetrante, é essencial, em particular para um oriental, mostrando a riqueza do símbolo que faz apelar a todos os sentidos e que não deixa esquecer o simbolismo visual existente entre o fruto e a mulher. Ao final do *Cântico*, no verso onde o esposo ampara a esposa que retorna do deserto, há novamente menção da macieira “sob a macieira te despertei, lá onde tua mãe te concebeu, concebeu e te deu à luz”, nessa passagem de interpretação controversa, Triomphe (1999,p.65) vê uma representação realista e muito simples da concepção de da procriação. De um lado, o jardim do deserto no poema sumério é o prólogo natural ou o quadro de uma “aspersão” fecunda assegurada pela união sexual. De outra parte, o ato procriador é associado à mãe da esposa, um tema maternal, tema de origem, que se afirma na dimensão temporal e remete à idéia da sucessão das gerações, tal qual a mãe, a esposa foi despertada/amada sob a macieira. Quanto a presença da macieira no momento do ato, ela ilustra uma realidade comum, por vezes concreta e simbólica: o hábito de se fazer amor e procriar sob uma árvore, bem atestado nas poesias amorosas do Egito. A árvore é uma imagem vegetal da fecundidade, que insere a geração na sucessão temporal.

Bem posterior é o aparecimento da maçã bíblica, quando é promovida à objeto modelo, suscetível de ilustrar as projeções do desejo e do interdito que a colore então com a objetividade do mal. Nessa interpretação, a mulher, a maçã e a serpente formam uma trindade indissociável: encarnação, sob três formas aparentemente distintas, dessa mistura perfeita de charme e de perfídia, de animalidade e vegetalidade difusa, que é tida como componente da natureza feminina (TRIOMPHE,1999, p.66).

A maçã ainda guarda uma associação com a morte, sugerida pela queda. O símbolo da queda, que se produz por si mesma, reenvia à obra da natureza e se opõe àquela da colheita, que supõe uma intervenção humana – ilustrando a brevidade da vida, roída em seu interior por um verme que anuncia a morte. A colheita, ao contrário, ilustra uma união simbólica: a jovem é o pomo, o homem o apanhador. Como todo símbolo ligado ao feminino e à Deusa Mãe, a maçã também é ambivalente: vida e morte.

Para os antigos, o fruto é o resultado de uma mutação progressiva, ele se inscreve em uma dinâmica, aquela do tempo anual, que rege por sua vez o homem, a sociedade e a natureza; ele faz parte da dialética cósmica terra/sol, ele marca o futuro humano e, em particular, o da mulher: sob a sucessão da floração primaveril, da maturidade estival, da frutificação outonal e da morte invernal. Pois a natureza é, ao lado da fêmea, imagem da fecundidade, terra onde o macho planta sua semente e a criança, o fruto. O fruto da mulher, é também aquele da Terra, modelo de Mãe universal. Os ritos e os mitos traduzem essa dinâmica associando o fruto ao futuro feminino: o fruto toma forma pouco a pouco até o momento quando ele será colhido. Assim, apanhar um fruto, é concluir a aventura anual de sua frutificação, de onde a significação totalizante da colheita.

Eva como as *Kórai* encontra a sua *hora*, seu momento de ser colhida e de frutificar; como ocorreu com Perséfone, Afrodite, Ártemis ela se unirá ao macho transformando-se em Mãe e, sob esse novo aspecto, ela se assemelha a Deméter, Cibele e outras. Ciclo interminável que se perpetua nas filhas de Eva, com seus olhos de serpentes e lábios de maçã, que como um selo se inscrevem sobre a pele do homem, queimando-o no desejo e perdendo-o na morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOEHME, Jacob. *Mysterium Magnum*. Vol I e II. Trad. N. Berdiaeff. Paris: Édition Aubier-Montaigne, 1978.

- CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger. Contribution à une théorie anthropologique de la production de la pensée religieuse. *Dialogues d'histoire ancienne* 7. Paris: Les belles Lettres, 1982.
- DETIENNE, Marcel. *A escrita de Orfeu*. Tradução Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- DUBY, Georges & PERROT, Michelle (dirs.). *Histoire des femmes en occident. L'Antiquité*. Paris: Plon, 1990.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de historia de las religiones: Morfologia Y dinámica de lo sagrado*. Madrid: Crisyiandad, 1981.
- FAIVRE, Daniel. YHWH1 O deus do nariz Ardente. In: LÉVÈQUE, Pierre et al. (Org.). *A Cólera e o Sagrado*. Pesquisas franco-brasileiras. São Paulo: terceira Margem, 2003. p.155-186.
- GETTY, Adele. *La Diosa. Madre de la naturaleza viviente*. Madrid: Debate, 1996.
- GOERGULHO, G. da Silva et al. (Coord.). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- HESÍODO. *O Trabalho e os Dias*. Trad.: Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- HESÍODO. *Teogonia. A origem dos deuses*. Trad.: Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMÈRE. *Hymnes*. Tradução Jean Humbert. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- HUSAIN, Shahrukh. *Divindades Femininas. Criação, fertilidade e abundância. A supremacia da mulher. Mitos e arquétipos*. Köln: Taschen, 2001.
- HUYSMANS, J.K. *El Satanismo y la Magia*. Buenos Aires: Editorial Saros, 1955.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário Medieval*. Trad. Manuel Ruas. Portugal: Editorial Estampa, 1994.
- MARQUETTI, Flávia R. *Da Sedução e Outros Perigos: O mito da Deusa-Mãe*. 2000. 290 f. Tese (Doutoramento em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista Dr. Júlio de Mesquita Filho. Araraquara.
- PANOFSKY, Erwin. *Pandora's box*. Princeton University Press, 1978.
- PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PICARD, Charles. *Les religions pré-helléniques*. Paris: Universitaires de France, 1948.
- ROUMEGUERE-EBERHARDT, Jacqueline. Bonecas de fertilidade e estatuetas de argila: suas leis iniciáticas. *Terra Indígena*, ano IX – nº64, Julho-Set., p.13-33, 1992.
- TRIOMPHE, Robert. *Le Signe de la Pomme. Amour, mystique et politique, la pomme dans tous ses états*. Strasbourg: Universitaires de Strasbourg, 1999.
- VENANT, Jean-Pierre & DETIENNE, Marcel. *La cuisine du sacrifice en pays grec*. Paris: Gallimard, 1979.

Artigo recebido 31/10/07

Artigo aceito 16/11/07